

O Olhar do outro: narrativas de estrangeiros sobre Porto Alegre

Júlio César Bittencourt Francisco¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Resumo

Este trabalho tem por objetivo interpretar as diversas referências e narrativas de viajantes sobre a cidade de Porto Alegre, desde a sua fundação até os dias atuais. Os viajantes e visitantes que lá estiveram e ainda voltam à cidade contribuem, com suas impressões, para a construção da imagem e da memória da capital gaúcha, pois é através da ótica do estranhamento que enxergam “uma outra cidade”. A metodologia de abordagem se dá a partir da análise dos recortes de crônicas de viajantes, iconografias, imagens e textos de cartões postais dos visitantes. Pretende-se elaborar assim uma série de representações e discursos que chamamos de ‘olhar do outro’ sobre Porto Alegre. Como base teórica, recorreu-se à produção dos estudos de memória urbana de Eduardo d’Oliveira França ao conceito de memória em Maurice Halbwachs e Jan Assmann e à obra de Roger Chartier entre outras. A novidade que trazemos neste artigo é a combinação de fontes que alternam textos e imagens na construção de uma memória da cidade.

Palavras-Chave

Viajantes. Porto Alegre. Olhar. Memória. Cartões Postais.

¹ Doutor em História (PUC-RS). Mestre em Memória Social (UNIRIO). Especialista em História do Direito no Brasil (UNESA).

Introdução

Como projeto de pesquisa docente do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o presente texto é parte das pesquisas que o autor tem realizado sobre a cidade de Porto Alegre e cujos resultados parciais apresentamos aqui. Sua relevância para a área museológica é evidente na medida em que museus trabalham não só com um “olhar”, mas também com memórias, interpretações, história e pesquisas.

Invertendo a perspectiva do olhar, nossa investigação analisa a cidade a partir das lentes do estrangeiro, do visitante, do outro, que chega a Porto Alegre e se defronta com uma realidade e, além dela, com um patrimônio cultural, material e imaterial que, desta ou daquela forma, o impacta. Estamos interessados no que o “estrangeiro”, a pessoa de fora, tem a dizer sobre a cidade, suas primeiras impressões, sua visão descomprometida, e que, no entanto, é carregada de intencionalidade e observação comparativa. Ainda queremos analisar fragmentos dessas memórias para enxergar um panorama diferente de Porto Alegre, do estilo de vida e de seus habitantes, mas também do imaginário relativo à capital dos gaúchos visto por ângulos diferentes.

Partindo do princípio de que a identidade se constrói a partir da alteridade, ou seja, da percepção ou apreensão do olhar, ou ainda do discurso do outro, cabe procurar compreender como são construídas as representações daqueles que vem de fora, sobre Porto Alegre, e como se processa esse estranhamento por via de construções sociais e também através de imagens e narrativas.

Além das crônicas dos viajantes dos séculos XIX e XX, vamos trabalhar com os textos dos cartões postais que os visitantes postam de dentro para fora da cidade, e mais a análise de entrevistas de turistas e estrangeiros residentes ou que visitam Porto Alegre na segunda década desse terceiro milênio.

A cidade e a memória como construção social

Fundada por colonos açorianos, depois, habitada por brasileiros de diversas origens e regiões, a cidade recebeu muitos africanos e seus descendentes e também um grande número de imigrantes, principalmente alemães, italianos e poloneses ao longo do século XIX. O período coincide com a visita à cidade dos primeiros viajantes europeus, que documentaram suas experiências em crônicas que foram levadas a uma Europa curiosa por notícias de um país novo e exótico.

O olhar destes estrangeiros interpreta a cidade colonial de Porto Alegre, que, com o tempo, vai formando sua personalidade, identidade e estética própria. Seja em sua paisagem natural, a beira de um imenso lago, nas características físicas do seu povo, nos materiais e conformação de suas calçadas, prédios, largos e praças, mas também nas suas lutas políticas, na maneira e comportamento das pessoas – o que elas valorizam e como se comportam, caminham, falam etc. A memória, como afirma Andreoni,

(...) parece ser um fenômeno individualizado, no entanto ela deve ser compreendida, sobretudo, como uma construção coletiva e social, marcada por desencontros, pela disparidade temporal e espacial, por disputas de gênero, étnicas, de *habitus*, entre outros fatores que interferem na organização das memórias coletivas. A seleção é prerrogativa imprescindível, pois não existe memória sem esquecimento, a relação dialética entre o esquecer e o lembrar é o que constitui a memória (ANDREONI, 2011, p. 168).

Essas memórias individuais se constituem em comunicação com outros, mas não com quaisquer “outros”, e sim com um grupo de pessoas específicas que mantém sua unidade através de uma imagem comum do passado. Essa variedade de memória foi primeiramente identificada por Halbwachs, que a classificou como socialmente mediada e relacionada a grupos e a denominou de memória coletiva. Se Halbwachs pensou na família, nos vizinhos, no grupo profissional ou até mesmo numa nação, Jan Assmann (1988, p. 127) vai além, quando afirma que “cada indivíduo pertence a muitos grupos de memória e, portanto, compartilha muitos grupos de identidades”.

Não são apenas os indivíduos que constituem uma memória para si, a fim de estabelecer identidades, conquistar legitimação e fixar metas. O mesmo acontece com as memórias coletivas, chamada por Assmann de memória cultural. A cidade é o lugar da cultura e da memória coletiva, mas como esta memória coletiva se forma e cria identidades? De acordo com o autor,

são as estruturas construídas com intenção de reter uma memória do passado como, monumentos, arquivos e museus que estabelecem uma significância, mas é através da troca com o indivíduo ou com um grupo de pessoas que um artefato urbano serve de suporte para a ativação da memória. (ASSMANN, 1988 p.129)

Como nos diz França (1979, p.182) o modelo de sistematização metodológico para estudar a memória das cidades envolve três fontes: a escrita ou gráfica, a oral e a material. A primeira modalidade “testemunha sobre a vida coletiva no quadro urbano, e as últimas mostram dimensões físicas da cidade, a história das mudanças, da paisagem urbana, suas expansões e contrações, e o tema da relação do homem com a natureza”. As fontes gráficas podem ser públicas – relatos de viajantes, jornais de época e, sobretudo, a literatura, onde “há mais história do que suspeita um historiador” (p.183)

—ou privadas — livros de registro de hotéis e hospitais, mas também aquela literatura dos cartões postais, como no caso de nosso trabalho, enviados de Porto Alegre para outras cidades. Entre as fontes orais encontram-se os depoimentos dos mais velhos, recuperados pela história oral, e entre as fontes materiais, em boa parte depositadas nos museus, estão os objetos, mas também pinturas, gravuras e fotografias.

Em termos de memória afetiva individual, os lugares e a geografia das cidades exercem efeito em cada pessoa, que associa características dos espaços urbanos a texturas, materiais, cheiros e cores, lembranças, representações e sentimentos. De acordo com Pollack (1992, p. 210), a memória é constituída de acontecimentos vividos pessoalmente, mas também de acontecimentos herdados — transmitidos à pessoa através do grupo a qual ela pertence, e que tem o mesmo efeito como se tivesse vivido — e dos lugares da memória, que são aqueles associados a alguma lembrança ou imagem.

Na visão da historiadora Sandra Pesavento (2002, p. 9) “a cidade é o objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros”. Nesse sentido, podemos perceber o olhar dos viajantes como ‘um outro olhar’. Um olhar descomprometido e despido de qualquer hierarquia em relação à ordem natural dos objetos e equipamentos de uma cidade que só quem é do lugar é capaz de atribuir, e da emoção típica, do sentimento daqueles que pertencem ao lugar. Como afirma Staudt,

Os viajantes europeus se diferenciam na maneira de perceber a cidade e o espaço público. Uma dessas distinções poderia ser de ordem moral. Muitos dos viajantes condicionados por valores provenientes da cultura europeia, os viajantes, ao vivenciarem os usos e costumes da população da cidade, não estavam isentos de um pré-julgamento. (STAUDT, 2007, p.18)

Mas afinal, qual o poder do olhar do outro? E quais são as suas consequências, para o habitante do local e para o outro?

De acordo com Paul Ricoeur (2007, p. 89), a visão do outro, como fonte de infelicidade ou de perigo, pode construir o que chamou de memória manipulada, que decorre, em última análise, distorções políticas e ideológicas. O que estabelece a manipulação dessas memórias são, segundo Bourdier (2008, p. 78), “as disputas que podem ser de gênero, étnicas e de *habitus*, entre outras, uma vez que a memória deve ser compreendida como construção coletiva e social marcada por desencontros, pela disparidade temporal e espacial”.

Como alerta De Mello (2010, apud, Bachellard, p. 21), “é necessário cautela quando se adota estas visões estrangeiras”. Afinal, a “observação primeira se apresenta repleta de imagens; é pitoresca, concreta, natural, fácil. Basta descrevê-la para se ficar encantado”. Ainda citando Bachellard, este autor afirma que “encantamento e ciência são coisas distintas”. Entretanto, quando cita Canevacci, estabelece o seguinte contraponto: “muitas vezes o olhar desenraizado do estrangeiro tem a possibilidade de perceber as diferenças que o olhar domesticado não percebe pelo excesso de familiaridade” (De Mello, 2010, apud Canevacci p.21).

Os viajantes

Porto Alegre nasceu de uma pequena colônia de imigrantes açorianos, trazidos para se instalarem na região das Missões, que estava sendo entregue ao governo português em troca da Colônia de Sacramento, nas margens do Rio da Prata. A troca havia sido acordada através do Tratado de Madri, de 1750.

Em 1752, o rei D. José I, “O Reformador”, mandou que Cristóvão Pereira de Abreu², acompanhado de 200 homens, iniciasse a demarcação da região das Missões. Quando chegaram a Rio Grande, foi determinado que oitenta deles ficassem nas proximidades de Viamão³ – povoado localizado na sesmaria de Santana, comandada por Jerônimo de Ornellas e Vasconcellos, e onde, posteriormente seria instalado o assentamento de Porto dos Casais, a atual Porto Alegre – construindo canoas que permitissem o transporte até as Missões, e que os demais explorassem a subida do rio. A empreitada demorou muito para se concretizar e as localidades começaram a se desenvolver rapidamente.

Em 1763, os castelhanos, comandados por Don Pedro Cevallos, governador de Buenos Aires, invadiram o Rio Grande do Sul e tomaram a cidade de Rio Grande. Neste ano, as populações portuguesas de Rio Grande e do norte da província migraram para a região de Viamão e Porto dos Casais, engrossando ainda mais o contingente demográfico desses pequenos aglomerados. Em 18 de janeiro de 1773, um edital

² O Coronel Cristóvão Pereira de Abreu foi um protótipo de explorador, sertanista e combatente, ao lutar contra os invasores franceses no Rio de Janeiro em 1710/1711 e depois contra as tropas espanholas, nos pampas gaúchos. Foi consagrado como o primeiro homem a cruzar, por via planáltina, o território entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, levando uma tropa de 3000 cabeças de cavalgaduras e gado, inaugurando o ciclo comercial da região sulina. (Fonte: Enciclopédia Gaúcha)

³ Viamão, assim como Porto Alegre são sítios estratégicos porque desses locais se podem avistar, como uma mão de cinco dedos, os rios que formam o lago Guaíba: Cai, Jacuí, Gravataí, Sinos e Taquari.

rebatizou a pequena povoação, que passou a se chamar Madre de Deus de Porto Alegre. O então governador da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, José Marcelino de Figueiredo, ordenou a transferência da Câmara Municipal de Viamão para Porto Alegre por questões estratégicas. Além da visão privilegiada da navegação de quem chega pela Lagoa dos Patos, a cidade exercia um controle mais eficaz sobre as rotas das embarcações nos diversos tributários do lago Guaíba que levam ao interior.

Além de centro administrativo, Porto Alegre tornou-se uma área militar. Paliçadas de madeira foram construídas em torno da cidade. Quando chegou a Porto Alegre em 1775, Johann Heinrich Böhn (1708/1783) – militar alemão contratado pelo exército português para supervisionar as tropas no Brasil, e cuja campanha vitoriosa acabou por recuperar Rio Grande aos espanhóis – alertou para a falta de estrutura na incipiente capital:

Eu expus à Junta a incapacidade dos comissários que ela vinha a nomear para empregos da maior importância e as consequências prejudiciais que disso resultaria, indubitavelmente, pedindo seriamente que remediasse o caso. A resposta era que, todas as pessoas mais hábeis e existentes no continente, as mais limpas e as mais inteligentes estavam escolhidas, e que era impossível achar melhores súditos. (Boehm apud Noal Filho, 2004 p.16).

De todo modo, a modesta capital prosperava e em 1804, a Coroa portuguesa lá instalou a primeira alfândega do Rio Grande do Sul. O acanhado núcleo urbano foi elevado a vila em 1808, a município em 1809 e a cidade em 1822. A abertura dos portos brasileiros em 1808 abriu a possibilidade para que viajantes europeus de diversas nacionalidades percorressem áreas até então dificilmente acessíveis.

O ano de 1820 dá conta de um dos primeiros relatos sobre a cidade; conforme nos informa Francisco Riopardense de Macedo (1998, p. 47), “feita por um viajante objetivo e sensível”. Saint-Hilaire⁴ chegou a Porto Alegre em 21 de junho de 1820 e deixou um relato sobre a estrutura urbana da cidade, descrevendo seus principais logradouros e pontos geográficos, como a colina que leva a atual praça da Matriz, a rua da Praia, o lago Guaíba, e alguns equipamentos urbanos, como trapiches e armazéns. Porém, o que mais impressiona é a sua extraordinária capacidade de captar a alma da cidade através de seus personagens:

⁴ Saint-Hilaire, Nasceu em Orleans, na França (1779/1853) um aristocrata naturalista que despertou interesse pela botânica com a amizade que fizera com Von Humboldt e Aime Bonpland, renomados naturalistas que percorreram a América. Saint-Hilaire vem em Missão Oficial, representando a França, trazendo consigo “laissez pasiez”, onde desfrutava de privilégios dados as tropas lusas. Por onde passa é bem recebido e devido a essa Missão ser oficial. (CONFORTO, MARÍLIA, 2008 p. 8)

Encontrei modos distintos em todas as pessoas da sociedade. As senhoras falam desembaraçadamente com os homens e estes cercam-nas de gentilezas sem, contudo, mostrarem empenho ou ânsia de agradar. (SAINT-HILAIRE, 1987 p. 46)

Arguto observador do modo de vida das cidades brasileiras por onde passou, Saint-Hilaire chegou a ser tomado por espião, com vistas a ambições francesas sobre o Brasil. Em Porto Alegre descreveu com detalhes diversas funções de escravos, que iam desde atividades na construção, na agricultura e na pecuária, mas também no comércio: “vêm-se em Porto Alegre negros que mascateiam fazendas pelas ruas. Atualmente vendem muito o fruto da araucária, a qual chamam pinhão.” (p. 46)

No fim da década de 1820, o comerciante francês Nicolau Dreys⁵, conta o modo de vida dos porto-alegrenses, além de relatar equipamentos, vias e pontos urbanos da cidade:

Vários vizinhos possuidores de hortas e de casas de recreio têm um passeio frequentado pelos cidadãos que procuram o sopro salutar da viração em face da extensa prospectiva da lagoa (Praia de Belas), todavia é, para bem dizer, um passeio de exceção reservado somente a pessoas que podem comprar alguns instantes deliciosos (Dreys apud Noal Filho, 2004, p. 36).

Mais um viajante francês, este na terceira década do século XIX, também escreveu com sutileza sobre aspectos sociais de Porto Alegre. Trata-se do naturalista de Arsène Isabelle⁶. Num dos trechos de sua narrativa sobre a cidade, datada de 1834, descreve a maneira rude como eram tratados os escravos: “sabeis como esses senhores, em sua superioridade, tratam os escravos? como tratamos os nossos cães!” Fala da importância do teatro, que estava sendo construído (teatro São Pedro) e dos sete jornais que circulavam na cidade (“a maioria de orientação republicana”), mas principalmente das vantagens da capital em relação a outras cidades importantes da América do Sul.

Sabei que não goza, apenas, de vista agradável em Porto Alegre; goza-se, também, uma boa saúde, e não há clima que mais convenha aos europeus do que o seu. Não se sentem os calores sufocantes das praias do Rio de Janeiro, nem das noites frias de Buenos Aires: é um ar temperado, embalsamado, puro e saudável. Basta dizer que os médicos não fazem fortuna ali, e que os próprios farmacêuticos se veem obrigados a transformar-se em perfumistas (Isabelle apud Noal Filho, 2004, p. 68).

⁵ Nicolau Dreys, (1781/1843) Nasceu em Nancy, França e chegou ao Brasil em 1817, como emigrado político e comerciante, tendo percorrido diversas Províncias do Império. (NOAL FILHO, 2004 p.34)

⁶ Arsène Isabelle, (1807-1888) nasceu no Hare, cidade portuária da França, tudo indica que foi abandonado em uma instituição de caridade quando recém-nascido. Desde cedo teve contato com as narrativas de viagem. Sua pretensão era contribuir para as Ciências Naturais e completar a obra de Saint-Hilaire. Vendeu tudo que tinha para conseguir fundos para sua viagem, reuniu em sua coleção materiais zoológicos, geológicos e botânicos. Embora admirasse Saint-Hilaire, difere de seu compatriota, posicionando-se republicano anticlerical e antiescravista. É extremamente crítico com os portugueses e jesuítas, traz consigo da França ideias liberais e democráticas. Isabelle manifesta-se dessa forma, pois não se preocupava em prejudicar as relações entre França e Brasil visto que veio por conta própria, financiando sua viagem. (CONFORTO, MARÍLIA 2008 p. 9)

Interpretando o discurso dos três viajantes franceses, podemos observar que no início do século XIX, antes mesmo da chegada dos grandes contingentes de estrangeiros europeus (alemães e italianos), a sociedade gaúcha já era diferenciada do resto do país, exceto pela exploração e tratamento dispensado aos escravos como destaca o antiescravista Isabelle. Por outro lado, homens e mulheres de sociedade são sofisticados e civilizados, segundo Saint Hilaire. Alguns dos cidadãos de Porto Alegre têm um padrão de vida invejável, permeados por pomares e pela brisa fresca do lago Guaíba, de acordo com Dreys, e um agradável clima, além de ser uma cidade culta, com jornais e teatros como confirma Arsène. Talvez seja esta, enfim, uma descrição eurocêntrica da capital, com um clima mais temperado, sofisticação e cultura. Os visitantes se sentiam mais perto de casa, confirmando uma visão que usava a Europa como padrão estético a ser seguido e valorizado.

Com a guerra dos Farrapos, que se estendeu de 1835 e 1845, Porto Alegre sofreu invasão e sítio dos rebeldes (foram, inclusive, construídas uma muralha, paliçadas e trincheiras para se defender dos “farrapos”), e experimentou uma drástica redução em suas atividades econômicas. Desta forma descreveu a cidade o imigrante alemão Johann Karl Dreher, em 1840: “A cidade de Porto Alegre, cercada por um cinturão de valos de proteção (trincheiras) que, de trechos em trechos, eram protegidas por canhões de defesa, apresentavam antes um aspecto de destruído do que de alegre” (Weimer, apud Noal Filho, 2004, p. 80).

Com o fim da revolta a cidade se expandiu rapidamente para além dos muros e, em pouco tempo, converteu-se no polo da região mais desenvolvida da Província, como destaca Paul Singer.

O papel de Porto Alegre dentro dessa rede urbana sofreu profundas mutações, pois, até aproximadamente 1860, a Capital desempenhava função econômica secundária no Estado, o qual tinha então em Pelotas e Rio Grande — centros diretamente ligados à produção e à comercialização do charque — seus polos mais expressivos. A partir dessa época, no entanto, a capital assumiu, paulatinamente, a condição de centro mais importante devido à sua condição de porto fluvial, o que fazia com que se centralizasse o processo de comercialização da produção das áreas coloniais. (SINGER, 1977, p. 125)

A segunda metade do século XIX trouxe a cidade milhares de imigrantes alemães, muito deles contratados como militares pelo Império do Brasil na campanha contra Rosas, como é o caso de Joseph Hörmeyer, (1824/1873), Carlos Von Koseritz (1830/1890), Carlos Jansen (1829/1889) e Hermann Wendroth, (s/d-1860), que faziam parte do grupo de jovens soldados alemães, de bom nível intelectual e que ficaram

conhecidos como os *brummers* (resmungões em alemão, ou criadores de casos – tradução livre).

Em 1858 o médico alemão Robert Avé-Lallemant (1812/1884) em visita ao Rio Grande do Sul escreveu o seguinte sobre Porto Alegre;

(...) a reminiscência nórdica não se restringe apenas ao alto da cidade de Porto Alegre, de onde se pode contemplar a grande distância. Desce também a parte comercial. Ali em toda a parte se vê gente de raça loura perambulando. A cada momento se vê um alemão transitando, a cadamomento se vê um nome alemão sobre as portas das casas e se houve falar rude da língua do Holstein e do dialeto pomerânio até o bávaro renano. Deve haver em Porto Alegre uns três mil alemães ao passo que toda cidade não tem mais de 20.000 habitantes (Avé-lallemant apud Noal Filho, 2004, p.110).

Página | 343

O embaixador e naturalista suíço Joahann Jakob Von Tschudi (1818/1889), em visita à cidade no ano de 1861, assim a descreve:

(...) na verdade a cidade não tem como muitas vezes é descrito, um caráter predominantemente alemão, mas pelo menos o elemento germânico está fortemente representado nos letreiros alemães sobre as abóbadas comerciais, oficinas, bares e padarias etc. são tão frequente como as de brasileiros (Tschudi apud Noal Filho, 2004, p.119).

No fim do século XIX começaram a chegar a Porto Alegre levas de imigrantes italianos, como descreve o reverendo norte-americano Herbert Smith (1851/1919), em viagem ao sul do Brasil entre 1881 e 1882, em busca de fies: “imigrantes italianos apinhavam-se no convés para acompanhar a primeira vista de Porto Alegre, sua nova pátria, ou pelo menos sua nova metrópole. Com certeza acharam muito agradável este primeiro relance” (Smith apud Noal Filho, 2004 p. 190).

Giulio Lorenzoni (1863/1934) era um desses imigrantes italianos que chegou de navio em 1877, com apenas 14 anos de idade, e escreveu suas primeiras impressões de Porto Alegre numa espécie de diário de bordo:

Os poucos italianos estabelecidos em Porto Alegre, procuravam da melhor maneira encorajar seus patrícios, dizendo-lhes que as novas colônias dos Campos dos Bugres (Caxias), Conde D’Eu (hoje Garibaldi), Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves) e Silveira Martins eram locais sadios, terras virgens, que produziam muitíssimo (Lorenzoni apud Noal Filho, 2004 p.171).

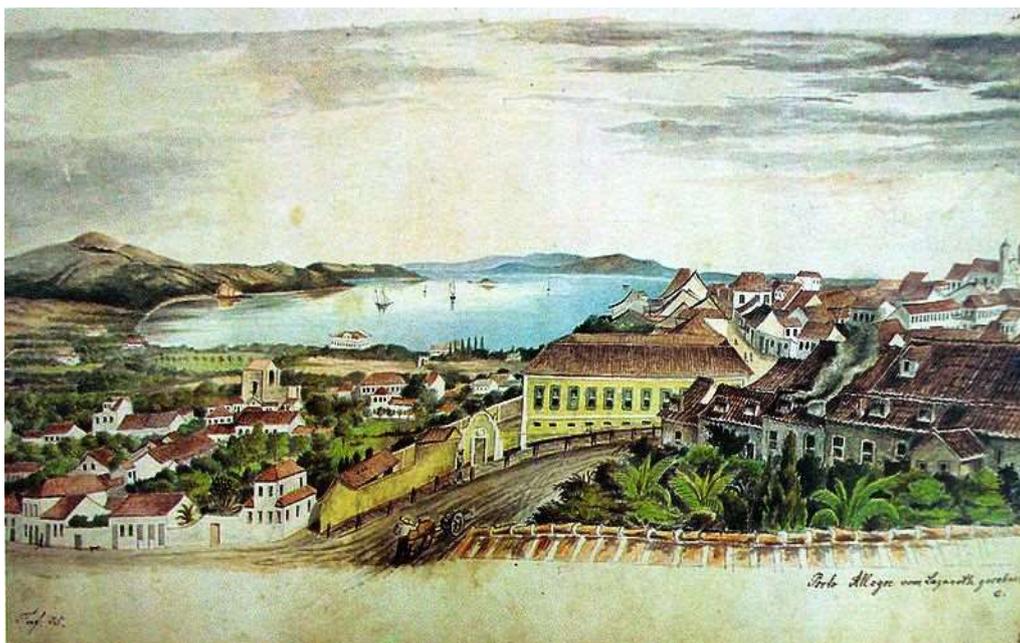
Os imigrantes italianos foram os últimos a chegar e por isso ocuparam as piores terras, em montanhas, muitas ainda bravias, com matas virgens habitadas por silvícolas. Os alemães, já na segunda geração, estabelecidos com empresas e indústrias, formavam a classe média de Porto Alegre, juntamente com os descendentes de portugueses. Além disso, conseguiram se organizar com eficácia, fundando jornais, clubes, associações de auxílio mútuo, mas também elegendo deputados na Corte, onde

lutavam pelos interesses da colônia. Tais informações são evidentes nos relatos de Amand Goegg (1820/1897) ativista político alemão, em visita a Porto Alegre no início da década de 1880.

Os desenhos de Wendroth

Ele foi um Alemão, contratado pelo Império como soldado mercenário para lutar contra o caudilho argentino Juan Manoel Rosas. Chegou ao Brasil em 1851, e depois de algum tempo no Rio de Janeiro veio ao Rio Grande do Sul onde se notabilizou por ser um autêntico boêmio, dado a bebedeiras e arruaças chegando a ser preso em Pelotas. Sua personalidade era transgressiva e debochada, porém, foi responsável pelo mais vasto registro visual do Rio Grande do Sul no século XIX. Hermann Rudolf Wendroth morreu desconhecido, em data e lugar incertos, e sua obra só se tornou acessível ao público mais de cem anos depois de concebida, e ainda hoje não é popular fora do circuito acadêmico de arte e história do Rio Grande do Sul.

O estrangeiro registrou por meio de suas obras paisagens de Porto Alegre e outras cidades do Rio Grande do Sul. Seus trabalhos mostram a cidade em expansão, em desenhos com profusão de detalhes e apuro estético. No ambiente rural, também circulou e ilustrou com minúcia o modo de vida do homem do campo. Além disso, foi um dos raros artistas-viajantes do século XIX que retrataram os escravos com simpatia, expondo maus tratos sofridos.



Tela 1, em aquarela 1852. Vista de Porto Alegre

Ele não era um pintor ou desenhista de formação, e sim um militar com uma grande habilidade de cognição e capacidade imaginativa, estabelecendo muitas vezes suas obras com tremenda riqueza de detalhes. Quando Wendroth visitou a cidade de Porto Alegre em 1852, ficou fascinado com as paisagens naturais que observara, mas também com as possibilidades de desenvolvimento da cidade, principalmente depois de 10 anos de estagnação por conta da Revolução Farroupilha. Na aquarela acima, pintada do alto do Morro de Santa Teresa, Wendroth interpretou a cidade e a sua expansão urbana, mas também as suas áreas ainda rurais, onde a população, pela proximidade com a cidade, colhia frutas nativas e se servia de caminhadas silvestres numa área conhecida como a Chácara da Baronesa.



Tela 2 em Sépia, Vista do Sul de Porto Alegre, 1852

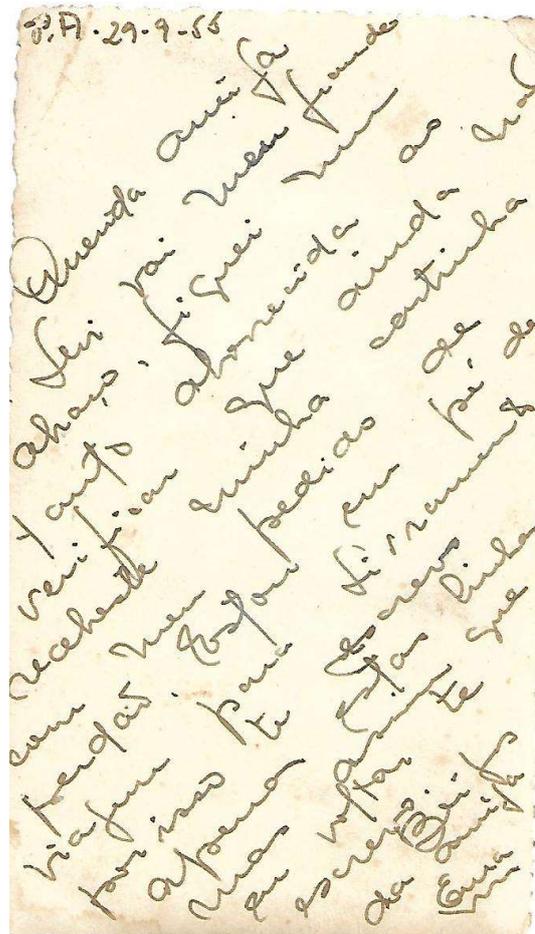
Acima, uma segunda versão da cena anterior, em sépia, datada da mesma época da anterior. Com alguns detalhes artísticos diferenciados podemos ver os raios de sol e, do lado esquerdo da tela, uma carreta puxada por boi. Vê-se também, ao fundo, os rios tributários do Lago Guaíba que conduzem ao interior do estado. A rua Duque de Caxias no alto da colina, as torres da Catedral Metropolitana e a imagem da Santa Casa de Misericórdia, à direita. De acordo com *Ciro Flamarion Cardoso (1998)*, a imagem, instrumento de comunicação entre as pessoas, ela também pode servir de elemento de ligação entre o homem e o mundo. As figuras bidimensionais têm a capacidade de refletir objetos tridimensionais. Tais desenhos representam uma significativa fonte histórica que complementam os textos escritos, uma vez que revelam detalhes dos objetos que as narrativas não contemplam, revelando o olhar do viajante que muitas vezes estiveram atentos a percepção do indivíduo comum, residente do local, não revelam. (*ALVES e TORRES, 2020*).

Cartões Postais

A coleção que mostramos abaixo pertence ao autor que as obteve quando foram descartadas pelos herdeiros da proprietária para serem recicladas. Vemos então, no primeiro cartão postal, uma imagem de Porto Alegre de 1955 que corresponde à rua da Praia, de frente a Praça XV de Novembro, no Centro Histórico da cidade.



Verso, Cartão 1

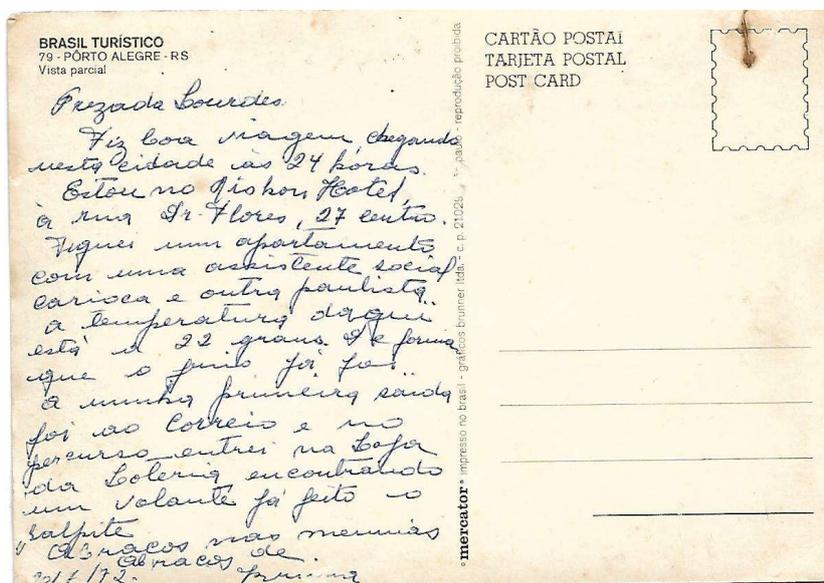


Cartão 1

Este lugar correspondia ao ‘ponto chique’ da cidade, ou lugar aonde a moda chegava primeiro e as pessoas realizavam seus ‘passeios dominicais’. Era também o ponto em que estava fincado o melhor cinema da cidade.

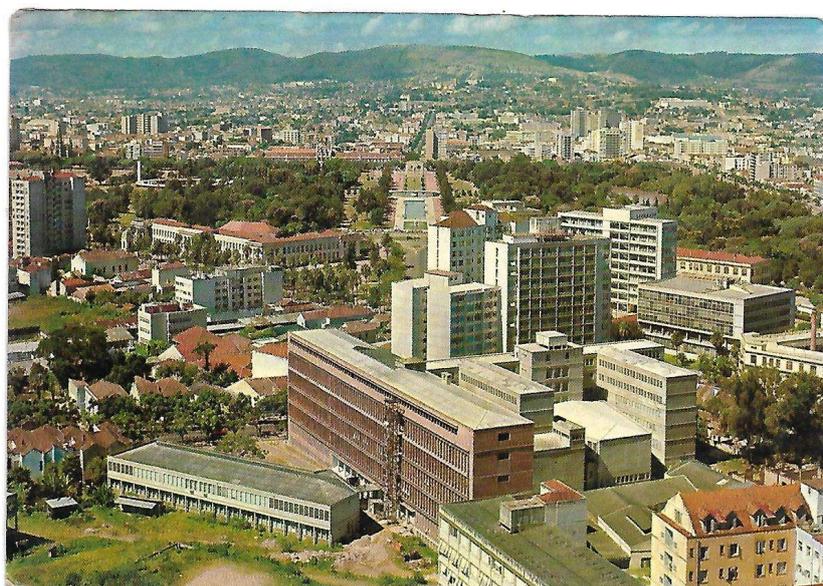
Analisando a questão do gênero literário que está implícito no cartão postal, concluímos que o mais próximo é o da carta. O sujeito atribui significados para o que vê: passa do mundo sensível ao mundo simbólico/mundo semiótico: lugar dos signos, da linguagem cujo sentido “[...] resulta de um processo de consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação” (BAKHTIN, 2004, p.44). Nesse universo de signos, encontram-se os gêneros textuais, nos quais se concretizam as razões de ser do cartão postal. O gênero torna-se um ambiente estruturado e estruturador das relações sociais entre os sujeitos que o compartilham. Então, será natural que, ao percorrer o caminho sócio-histórico do cartão postal, se encontre uma série de ações pragmáticas e sociais que envolvem as atividades nas instituições que o validam. (SILVA, 2010).

Assim, neste cartão postal de 1972, mostrado abaixo, veremos uma Porto Alegre cosmopolita e ampla. No cenário descortina-se o Parque da Redenção, o complexo universitário da UFRGS, (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) alguns bairros residenciais e ao fundo o Morro de Santa Teresa.



Verso Cartão

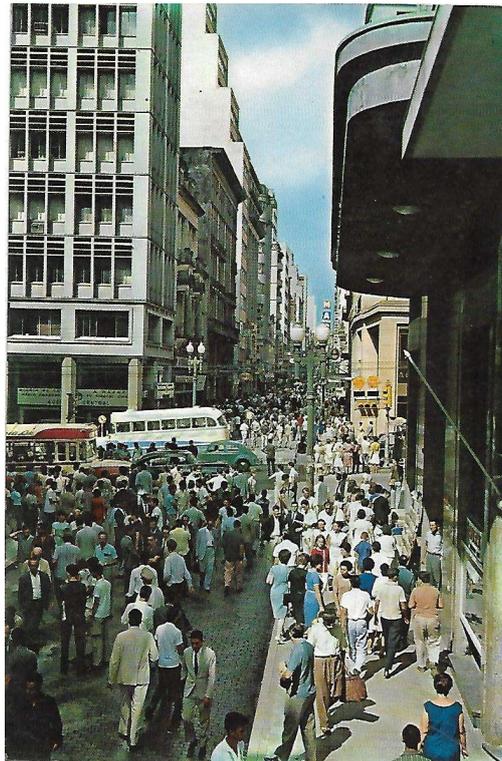
2



Cartão 2

No texto, a remetente que escreveu o cartão em 20 de julho de 1972, diz que já estava na cidade há 24h e que dividia o quarto com outras assistentes sociais, visitantes de outros estados. Curioso verificar que a visitante confirma a fama de Porto Alegre de ser uma das mais frias do país, especialmente durante o inverno. Despertou a atenção da pessoa que informa que “o frio já foi” quando menciona que estava 22 graus.

No cartão postal de número 3, verificamos a imagem de um dos cruzamentos mais movimentados da capital dos gaúchos. Rua Andrades Neves (ou rua da Praia) com a Avenida Borges de Medeiros. A Imagem não pode ser mais cosmopolita igualando Porto Alegre a outros centros importantes do Brasil como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. Pelo menos é assim que a cidade quer parecer, através de suas imagens, para o resto do país, uma vez que foi esse o cenário escolhido para ser o representante da cidade em um cartão postal, vendido aos milhares no varejo de então.

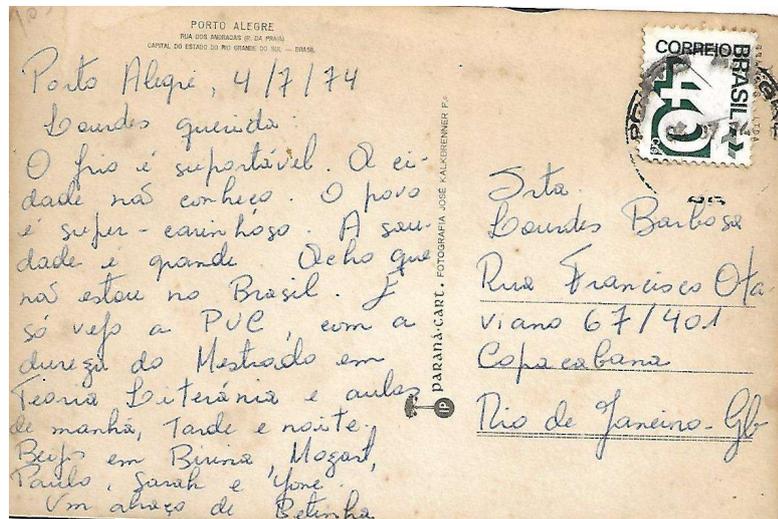


Cartão 3

Novamente a preocupação com o clima é o assunto central do texto do cartão, enviado em 4 de julho de 1974. “O frio é suportável” diz a remetente que também faz menção a simpatia do povo gaúcho e diz que “nem parece estar no Brasil”. Certamente uma observação referente a forte marca migratória europeia que é visível no sul do país.

Uma observação que não se pode deixar de fazer quando o assunto é cartão postal, este certamente em vias de extinção por conta de outros meios de enviar imagens e textos, quase sempre por meios menos ‘burocráticos’ e que não envolve a compra de um objeto, ida ao escritório dos correios e despacho do objeto na caixa de correspondência, substituído pelo ‘smartphone’ com câmera e pelo email ou redes sociais, normalmente integrados num mesmo objeto. Ao nosso ver, o cartão postal possui uma

natureza pública e social, pois ele é aberto, e em seu trajeto do remetente ao destinatário pode ser visto e lido por qualquer um que tenha acesso, portanto, um elemento que liga a cidade distante não só ao olhar de quem o recebe, mas de quem lhe vê.



Verso do cartão 3

Considerações Finais

Porto Alegre nasce isolada geograficamente do centro político e administrativo do país. A cidade possui uma grande influência militar, reflexo das lutas de formação e defesa do próprio território que se insere. A cidade cresce depois que todas as outras capitais importantes do país já estavam consolidadas, algumas com mais de duzentos anos de história. Além disso, a cidade, nos séculos, XIX e XX tem uma elite de origem europeia, especialmente alemã, ainda que conviva com populações de origens diversas, como é o caso da italiana, responsável pela maior produção brasileira de uvas e vinho.

A geografia fronteira da província, as constantes disputas e guerras por território, a conformação ecológica dos pampas, a grande afluência à região de grupos indígenas, especialmente guaranis, forjaram a figura do gaúcho. Um tipo misto de vaqueiro afro-ibérico e de índio guerreiro, forte e viril com uma cultura híbrida própria e que também tem parte importante na memória e no imaginário de Porto Alegre, haja vista a cultura do churrasco e do chimarrão, mas também de seu símbolo maior, o monumento ao Laçador na entrada da cidade.

Por outro lado, para mostrar a diversidade e a força da cultura da cidade basta lembrar que, de acordo com o censo do IBGE realizado em 2010, Porto Alegre desponta

como a cidade brasileira com maior número de praticantes do batuque⁷, fato que ajuda a consolidar uma identidade própria, chamada por alguns pesquisadores de “afro-gaúcha”. Importante destacar ainda a existência das chamadas memórias subterrâneas ou marginais, que correspondem a visões do passado dos grupos dominados. Embora esta memória não esteja monumentalizada, foi através da iniciativa de pesquisadores, trabalhando com história oral, que se criaram as condições para recuperar a memória coletiva da comunidade afrodescendente da cidade, através da proposta de implantação do Museu do Percurso, atualmente em discussão no município.

Essa dinâmica de fatores geográficos, políticos, econômicos e sociais contribuiu na formatação de uma identidade única, construída através de longos e profundos conflitos sociais⁸. Depois disso, a marca migratória europeia acabou por conferir a cidade sua identidade acabada, pois não abandonando os fatores que a ligam ao resto do país, a mistura étnica é o que lhe faz única. Para os seus habitantes e no olhar do visitante, Porto Alegre apresenta um modo de vida e uma arquitetura própria e sensivelmente diferente do resto do país, mas que também interage com o mundo globalizado e contemporâneo.

Iconografias

AQUARELAS: Hermann Rudolf Wendroth. **Fundo Laudelino Teixeira de Menezes**, Série: Produção de Terceiros. Centro de Documentação da Universidade de Caxias do Sul CEDOC-UCS.

Cartões Postais de Porto Alegre. Coleção particular do autor.

Referências

ALVES, Francisco das N. e TORRES, Luiz Henrique **Imagens do Brasil Meridional** nas aquarelas de Hermann Wendroth. Universidade de Lisboa, Rio Grande, 2020.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**, Cia das Letras, Rio de Janeiro, 2008.

ANDREONI, Renata. **Museu, Memória e Poder** Revista Em questão Porto Alegre v.17 167-179 Jul/Dez 2011.

⁷⁷ Batuque é uma [religião afro-brasileira](#) de culto aos [orixás](#) encontrada principalmente no estado do [Rio Grande do Sul](#), de onde se estendeu para países vizinhos como [Uruguai](#) e [Argentina](#).

⁸ Como foram os casos da Guerra Cisplatina de 1824, da Revolução dos Farrapos de 1835, da Guerra do Prata de 1851, do Paraguai em 1864, da Revolução Federalista de 1893, da Revolução de 1930 e da campanha pela legalidade em 1962

ASSMANN, Jan Collective. **Memory and Cultural Identity** in Kultur und Gedächtnis, eds Jan Assmann and Tonio Hölscher (Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1988)

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 10-11.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martin Fontes, 2003. Página | 352

BENJAMIN, Walter. **The Arcades Project**. Boston: Harvard University Press, 2002.

BOURDIER, Pierre **A Produção da crença**. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion Os historiadores e as imagens. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira (ORG) **História e Imagem** Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

CHARTIER, R. O Mundo como Representação. In: **À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002, p. 61-79.

CONFORTO, Marília & VELHO, Michel. **Ruas, praças, porto e casas**. Breves considerações sobre o espaço urbano porto-alegrense no relato dos viajantes do século XIX **Revista Travessias** número 2 Cascavel, 2008.

DEMACEDO, Francisco Riopardense. **História de Porto Alegre**. Editora da Universidade/UFRGS. 2ed. Porto Alegre, 1998.

DEMELO, Bruno Cesar Euphrasio. **A cidade de Porto Alegre entre 1820 e 1890** As transformações físicas da Capital a partir das impressões dos viajantes estrangeiros Dissertação de Mestrado PROPUR/UFRGS, Porto Alegre, 2010.

FRANÇA, Eduardo d'Oliveira Fontes para memória urbana. **Memórias da I Semana de História** da Unesp, Franca, SP, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HÖRMEYER, Joseph. **O Rio Grande do Sul de 1850**: Descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional Ed.Eduni-Sul, Porto Alegre, 1986.

NOAL FILHO, Valter Antonio & FRANCO, Sergio Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre**. Porto Alegre: Anatterra, 2004. 2 vls.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, V.5 n.10 p.200-212, 1992.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento** Campinas, SP Unicamp, 2007.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul** Martins Editor, Porto Alegre, 1987.

SILVA, Xênia S. da **O cartão postal**: a construção histórica de gênero textual Revista Encontros de Vista - quinta edição Recife, 2010.

STAUDT, Sheila Katiane A Porto Alegre do século XIX sob o olhar dos viajantes **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas** dossiê: a cidade na crônica PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 03 N. 01 – jan/jun 2007.

THE OTHER ONE GLANCE: FOREIGN VISITORS NARRATIVES ABOUT THE CITY OF PORTO ALEGRE

Abstract

The paper aims to interpret the various references and narratives of travelers about the city of Porto Alegre, from its foundation to the present day. The travelers and visitors who were there and still return to the city contribute, with their impressions, to the construction of an image and memory of the capital of Rio Grande do Sul, as it is through the perspective of strangeness that they see “another city”. The approach methodology is based on the analysis of clippings from travelers' chronicles, iconographies, images and texts from visitors' postcards. The intention is to elaborate a series of representations and speeches that we call ‘the other one glance’ about Porto Alegre. As a theoretical basis, we used the production of studies of urban memory by Eduardo d’Oliveira França, the concept of memory in Maurice Halbwachs and Jan Assmann and the work of Roger Chartier, among others. The news brought to this paper is the combining used sources of text and images to build the memory of the city.

Página | 354

Keywords

Foreign travelers. Porto Alegre. Sight. Memory. Post Cards

Recebido em: 13/01/2021

Aprovado em: 26/03/2021